

ALCÂNTARA, Paulo Henrique Correia. A casa partida ao meio: diálogos da criação na dramaturgia de *Partiste*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Doutorando; Professora Orientadora Cleise Mendes. Dramaturgo e Diretor.

RESUMO

O artigo levanta uma reflexão acerca dos componentes envolvidos na criação da peça *Partiste*, de Paulo Henrique Alcântara, cuja história gira em torno de um pequeno núcleo familiar marcado pela saudade e o enfrentamento da morte. O texto é discutido neste trabalho, o qual aborda seus personagens e principais temáticas. Além de uma análise da dramaturgia, é tratado como se processou a feitura desta peça sobre o “ir embora”, revelando, basicamente, quais os diálogos criadores promovidos na concepção da mesma. A obra foi estruturada a partir do entrecruzamento entre memória e invenção, com a utilização de vivências reais do autor, mescladas à ficção. Além de tratar desta aliança, o artigo aborda a presença da poética de Adélia Prado, cujos versos e contos também contribuíram, por meio da intertextualidade, para a tessitura dramática em questão. Outros artistas e teóricos são convocados para fundamentar o estudo, tais como Ítalo Calvino e Gaston Bachelard.

Palavras-chave: Dramaturgia. Criação. Memória.

RESUMEN

El artículo levanta una reflexión acerca de los elementos que intervienen en la creación de la pieza de teatro *Partiste*, de Paulo Henrique Alcântara, cuya historia gira en torno a una pequeña familia, marcada por la nostalgia y frente a la muerte. El texto se trata en este trabajo, que se ocupa de sus personajes y los temas principales. Además de un análisis de la dramaturgia, se trata como se demandó la realización de esta pieza, revelando básicamente lo que los diálogos promoverán en la creación de la misma. El trabajo, que se basa en la intersección entre la memoria y la invención, con el uso de experiencias reales del autor, se fusionó con la ficción. Al dirigirse a esta alianza, el artículo describe la presencia de la poesía de Adelia Prado, cuyos poemas y cuentos, también han contribuido, a través de la intertextualidad, para el tejido del drama en cuestión. Otros artistas y teóricos se les invita a apoyar este estudio, como Ítalo Calvino y Gaston Bachelard.

Palabras clave: Drama. Creación. Memória.

Este artigo se volta para o processo de composição da peça *Partiste*, de minha autoria, uma obra erguida sobre as delicadas, amorosas, por vezes tensas e sofridas tessituras que ligam os integrantes de uma mesma família, moradores de Livramento de Nossa Senhora, cidade do interior baiano. *Partiste* pode ser traduzida como um canto de saudade, sobre a ponte erguida entre o afeto e a distância. Como seguir vivendo depois de perder aquele ser querido, elo de uma corrente feita de anos de convivência, cuidados e cumplicidades? Assim é *Partiste*, uma dramaturgia sobre a falta do outro, tendo como personagem central uma mãe que unta a forma do bolo com suas lágrimas, com elas

também rega as roseiras do seu jardim. Entre um pranto e outro, passa um café fresquinho e põe-se a lembrar enquanto mexe o doce no tacho.

A poética de Adélia Prado serve de inspiração para esta criação, bem como a memória, acionada, também, pela recorrência de imagens, sejam elas fotos de família e fotos da referida cidade. Todos estes componentes são partes integrantes de um conjunto disparador da escrita de *Partiste*. A dramaturgia que a envolve parte da escuta de antigas lembranças, a recriação de um passado pessoal em forma cênica, o rememorar como instância propulsora do construto de diálogos. Tais memórias emergem de instantes que saltam de tempos remotos, mas também de fotos extraídas de um álbum de família. Estas imagens são complementadas pelas fotos da pequena cidade de Livramento, que fornece uma localidade das cenas. Esta ambiência configura o cenário da obra, cujos personagens também tiveram suas origens nas falas “sopradas” por uma voz poética, no caso a voz maternal, caseira, arraigadamente religiosa e interiorana de Adélia Prado.

Diante destas diversas referências, diferentes formas e recursos para mergulhar no ato criador, recorreremos a Ítalo Calvino e o seu entendimento do conceito de multiplicidade, o qual serve como um dos principais referenciais teóricos para o estudo acerca deste processo criativo. Segundo Calvino, “o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo” (CALVINO, 2009, p. 127). O escritor italiano nos convida a aprender com a escrita literária, que possui secular tradição — impregnada no seu fazer — de acionar a multiplicidade de relações. Calvino nos inspira a pensar na possibilidade de sintonizar diversos aportes (fotos, lembranças e poemas) para a composição de uma dramaturgia.

Em *Partiste*, a memória dialoga com o ficcional e convoca o que é invenção em meio ao exercício de lembrar. Surge desta junção uma história que dá voz a personagens que necessitam expressar a saudade do outro, como se pode observar nesta fala da personagem da mãe: “A saudade é como subir uma ladeira, uma ladeira bem íngreme. À medida que a gente sobe, a ladeira vai ficando menos íngreme, o sol menos quente, mas o topo da ladeira não chega nunca. Assim é a saudade, uma ladeira que não se para nunca de subir” (ALCÂNTARA, 2010, p. 27). Os personagens de *Partiste* também precisam, urgentemente, rememorar para preencher o que Drummond denominou, em um de seus poemas, de a falta que ama: “Entre areia, sol e grama o que se esquiva se dá, enquanto a falta que ama procura alguém que não há” (DRUMMOND, 1987, p. 410). Cabe, a seguir, discorrer sobre *Partiste* para melhor situar quais os percursos que a constituíram.

A ação de *Partiste* está localizada na primeira metade dos anos 1970, na cidade de Livramento de Nossa Senhora, interior da Bahia, onde vivem uma mãe, seu esposo e os filhos Brás, Cecília e Dolores. Além deles, mora também uma velha tia, Ruzinha. A mãe trabalha com bordados, enquanto o marido viaja pelo país com seu caminhão. Um outro filho do casal, o primogênito Jairo, partiu para São Paulo e, há três anos, não dá notícias, deixando a mãe desconsolada sem as suas cartas.

Acreditando no regresso deste filho desgarrado, a Mãe — que no texto tem as suas réplicas indicadas com a primeira letra do nome em maiúsculo e este nunca é mencionado — pede para que a filha, Cecília, jovem professora, escreva diariamente tudo que se passa na casa, na família, para que, ao regressar, Jairo, o filho ausente, possa ler e saber como foram os dias vividos neste lar.

A vida desta família sofre uma grande perda: a morte do pai, vítima de um acidente na estrada. O tempo vai urdindo os rumos desta casa sem pai e sem o filho mais velho. Mas a casa ainda tem a Mãe, que tece os dias com a mesma fibra e delicadeza com que manipula as agulhas dos seus bordados.

Com o tempo, a Mãe fica, os filhos partem. Em pontos distantes, já adultos e seguindo suas vidas, por caminhos nem sempre fáceis e felizes, os filhos escrevem para a Mãe e ela para eles, num círculo afetivo alimentado pelas cartas e partilhado de longe, pela distância que não sufoca o querer bem. Assim é *Partiste*, que pode ser definida como uma peça sobre o ir embora.

É importante ressaltar que esta obra emerge de uma necessidade profunda do autor de tratar do tema da morte, da ausência, da lacuna deixada por quem partiu. *Partiste*, portanto, tem sua gênese numa experiência pessoal de luto e nasce da força de um verbo que ecoava em seu criador: o verbo partir e toda a rede de significados que ele encerra.

Seguindo o impulso de depositar em um texto os sentimentos e as inquietações com o difícil tema da morte, da perda, surge esta peça que começa a ganhar forma a partir da imagem de uma mãe que espera por alguém numa rodoviária. Esta imagem primeira é vislumbrada junto com o contato com outras imagens, estas palpáveis, como imagens de fotos de família e fotos da cidade de Livramento.

A composição de *Partiste* buscou na poesia e na prosa de Adélia Prado fontes de inspiração e sustentação para a criação, sobretudo, da personagem da Mãe, estabelecendo entre esta e Adélia um grau de parentesco, aproximando-as por meio do cruzamento entre literatura e teatro. A obra de Adélia Prado também permitiu diálogos intertextuais que alimentaram a feitura de *Partiste*. Há na voz *adeliana* um acento que serviu para mostrar na peça o lar de uma pequena cidade.

Em *Partiste*, a poética de Adélia Prado ecoa por entre os móveis da sala, os utensílios de cozinha, os vestígios do dia. Adélia se insinua como uma vizinha de porta que pode chegar a qualquer momento, como aquela velha conhecida com quem se desfia uma boa conversa. É na personagem da Mãe que a poeta mineira de Divinópolis reafirma sua presença, faz ecoar seu canto repleto, a um só tempo, de religiosidade e louvor aos acontecimentos simples do cotidiano. A própria Adélia fala sobre este aspecto: “eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano, que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida” (PRADO *apud* REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, p. 52).

A escrita *adeliana* é burilada em versos de forte conotação metafísica, mas ela também se debruça sobre o peitoril de uma janela e percebe o mundo à sua volta com olhos simples. Tanto na sua poesia, como na sua prosa, os fatos mais prosaicos tornam-se matéria literária, bem como os dilemas da existência são contemplados por meio de temas mais subjetivados, como o amor, a morte, entre outras questões próprias a esta poética, a qual Jean Laund assim traduz:

A arte faz-nos ver (ou entrever) essa realidade transcendente no cotidiano e, sem ela, recairíamos na desolação; ou para irmos direto ao verso de Adélia Prado (Poesia Reunida, p. 199): “de vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo”. Nesses versos encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais da obra de Adélia: Deus-inspiração-cotidiano-arte (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, p. 54).

Em Adélia Prado reside, assim como em *Partiste*, a presença de uma falta perene de quem partiu, sobretudo dos pais, aos quais ela, constantemente, se refere, nunca perdendo o elo com seus antepassados, ao mesmo tempo em que é muito presente a relação com o homem amado e os filhos. Adélia evoca com tristeza os seus mortos e sente sua existência conectada dialeticamente aos que partiram e aos que estão vivos ao seu redor. Os exemplos abaixo, extraídos do poema *Morte Morreu*, do livro *O Pelicano*, e uma fala da personagem Brás, de *Partiste*, mostram uma cotejo entre Adélia e *Partiste* pelo viés da lembrança de mortos queridos e a pulsação do tempo vivido no presente:

Quando o ano acinzentava-se em agosto e chove sobre as árvores que mesmo antes das chuvas já reverdeceram, da mesma estação levantam-se nossos mortos queridos e os passarinhos que ainda vão nascer. “Ó morte, onde está tua vitória?” Eh tempo bom, diz meu pai. A mãe acalma-se, tomam-se as providências sensatas (PRADO, 1991, p. 313).
Brás: [...] Mãe, outro dia sonhei com o pai, ele dirigindo o caminhão, mas o engraçado é que eu me vi menino no banco do carona, olhando admirado o pai dirigir aquele caminhãozão, “o carrão”, como eu costumava dizer (*Pausa*), até que o caminhão fez uma curva e o sonho acabou. Acordei com o olho cheio d’água. No Natal, apareço por aí. Quando tiver um portador, manda avoador pra mim. Sua bença, Brás (ALCÂNTARA, 2010, p. 33).

O *modus operandi* desta dramaturgia foi se impregnando de Adélia Prado, e o conteúdo de álbuns de família inspirou personagens que soam familiares, próximos, abrigados em uma casa. Mais uma casa dramaturgicamente como tantas construídas ao longo da história da dramaturgia universal. A casa de *Partiste* desponta como *tópus* dramaturgicamente, pois a morte, a distância, lançam para o autor a imagem de uma casa partida ao meio, imagem esta que é expressa em uma das falas da personagem da Mãe: “Sem meu filho, fica faltando alguma coisa. A casa fica partida ao meio. É como um pires sem a xícara, um bule sem a alça, um prato rachado ao meio, como meu coração, mas sem poder colar” (ALCÂNTARA, p. 15, 2010).

Esta casa inclinada para o lado da saudade, casa que abriga a consciência do tempo e sua força inexorável sobre tudo é a casa arquitetada em *Partiste*. A casa é o espaço da intimidade, do conhecimento profundo entre os que a

habitam, campo de aproximação e tensão entre os membros da família, reduto de segredos só compartilhados por quem nela reside.

A casa também abriga o choro pela morte do pai, a casa também convida ao lamento, conclama a que se sinta a ausência. A casa guarda os retratos, dos quais quem partiu sorri da moldura para quem olha com olhos de saudade. A casa é este cosmos ao qual alude Bachelard, casa preenchida de significados, casa-cenário, casa-sentimento que se impõe como localidade imprescindível de *Partiste*, cuja dramaturgia encontra plena ressonância nesta colocação de Bachelard: “E todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indelévels em nós. E é precisamente o ser que não deseja apagá-los” (BACHELARD, 2005, p. 29).

Partiste é essa casa impregnada de sentimento, casa partida ao meio, arquitetada na escrita dramática, fundada sob o signo da partida, da memória. Memória acionada, como já foi mencionado, por meio de um processo que recorre a determinados aportes, quais sejam: imagens fotográficas, imagens retiradas de um álbum de família do autor e imagens extraídas de um acervo fotográfico sobre a cidade e que localiza o espaço desta dramaturgia. Esta resulta numa obra sobre seres apartados que encontram no que denominamos de “narrativas da ausência” — cartas e diários — alentos para a saudade. Emergem, então, cenas geradas pela memória/imaginação, fundem-se o lembrar de algo vivido com algo inventado, num permanente diálogo criativo ao qual não mais interessa demarcar o que é fato decorrido e pura matéria de invenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÂNTARA, Paulo Henrique. **Partiste**. (Texto encenado e ainda não publicado).
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas Para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DRUMMOND, Carlos de Andrade. **Nova Reunião** – 19 livros de poesia: Volume 1. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1987.
- PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Editora Siciliano, 1991.
- Revista Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Segmento. Número 38, 2008.